

RESENHAS REVIEWS

Dulce C.A. WHITAKER*

VICTOR, J. — *Confissões de um ex-torturador*. Trad. de Cláudia Schilling. São Paulo, Semente, 1981. 127p.

Uma nova Editora, cujo nome sugere a produção de livros como sementeira, lança uma obra que se enquadra perfeitamente em tal objetivo. Conforme assinala o jornalista Carlos Alberto Kolecza no Prefácio, referindo-se às engrenagens da tortura uruguaia, “se a deserção de um ex-soldado, com sua bagagem de recordações proibidas, afetou a máquina de horrores, é porque a contagem regressiva já começou”.

Espécie de reportagem-denúncia, de caráter extremamente didático, uma vez que 70% do livro se constituem em depoimentos publicados na forma original dos interrogatórios, sua sucessão de perguntas e respostas, que vão se aprofundando inexoravelmente sobre o contexto da repressão uruguaia e de suas conexões com as de outros países, desvendam, para o leitor fascinado, um contraponto terrível, metodicamente construído, entre os ideais proclamados pela Constituição Uruguaia e pelo Direito Público Internacional e a triste realidade desse país. Traduzido por Cláudia Schilling, sua familiaridade com a cultura uruguaia facilitou-lhe, com certeza, a transposição para nossa língua, do universo carregado de tensões, implícito no diapasão monótono dos depoimentos que Hugo Garcia Rivas, ex-agente da repressão naquele país vizinho, prestou à

Imprensa, a organismos e a movimentos ligados à luta pelos direitos humanos, entre eles, a Ordem dos Advogados do Brasil.

Por isso, o livro reproduz uma linguagem direta, sem metáforas ou sutilezas, onde nomes, fatos, endereços, conexões, detalhes fisionômicos, tudo surge numa descrição objetiva, que raramente apela para as emoções. Estas surgem muito mais nas notas de rodapé que esclarecem detalhes familiares e outros sobre as vítimas da tortura, mortos e/ou desaparecidos. Aparecem também quando se chega ao clímax final: a sentença do juiz Moacir Danilo Rodrigues, que ao condenar dois policiais gaúchos envolvidos no seqüestro de Lilian Celiberti e Universindo Rodrigues Diaz, clama contra aqueles “desnaturalizados que arrancam aos filhos, para arrojá-los numa cela, uma mãe que não cometeu, segundo comunicado das forças Conjuntas Uruguaias, nenhum delito no seu país”. Aparecem ainda nos protestos apaixonados de personalidades brasileiras, revoltadas com o desrespeito ao nosso território e às nossas tradições de hospitalidade. Este fato é central nas confissões de Hugo Garcia Rivas, já que representa confirmação daquilo que a Imprensa incansavelmente denunciou como violação da nossa soberania e atentado

* Professora Assistente do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14800 — Araraquara — SP — Brasil.

contra os direitos humanos em nosso país, por parte de órgãos da repressão uruguaia, com a cumplicidade de policiais brasileiros.

O livro representa, portanto, um documento histórico da mais alta importância, por aquilo que registra e denuncia. A linguagem fria dos interrogatórios, reproduzidos de modo um tanto repetitivo tem, ao que parece, a finalidade de dissecar os fatos em todas as facetas terríveis de que estão compostos. Por isso, essa linguagem não é emocionante, de um ponto de vista, digamos, literário. Ela consegue, no entanto, e talvez por isso mesmo, despertar no leitor, a indignação que resulta da percepção de um mundo real que, descrito de maneira objetiva, pode conter mais horrores que a ficção literária.

Do ponto de vista desse real, é possível apreender nessa obra, três planos: o universo ideológico que sustenta a repressão; o drama de consciência e as motivações do ex-torturador que confessa; e, num primeiro plano, com riqueza de detalhes, a máquina infernal, descrita peça por peça. Nessa descrição reside a intenção principal do livro. O universo ideológico, embora descrito de modo um tanto sumário no início da obra, é uma constante, porque transparece a todo momento nas denúncias de Rivas. Faltou ao autor, no entanto, ter se esforçado mais no sentido de captar a psicologia do torturador, o que apenas se esboça de maneira espontânea em alguns trechos dos depoimentos, quando descrevem diferentes tipos, com suas motivações variadas, atuando na direção da escolha de tão degradante “carreira”. Nada que lembre, nem de longe, porém, as análises penetrantes de Fannon, ou os depoimentos dolorosos de prisioneiros políticos que denunciavam seus algozes. Parece, no entanto, que este não era o objetivo do autor. Tratava-se, para ele, de “radiografar” um sistema, através do qual a nação uruguaia, outrora apontada como uma espé-

cie de Suíça latino-americana, constituiu-se hoje numa sociedade sitiada, onde as pessoas são vigiadas nas ruas, nos serviços e nos locais públicos, dos campos de futebol aos velórios e enterros, conforme informa Rivas.

Algumas questões importantes ficam no ar. O que leva um ser humano a se tornar torturador? Para o protagonista principal desta autodenúncia, os caminhos alternativos pareciam poucos. Não gostava de estudar, mas era um bom fotógrafo. Seu pai arrumou-lhe esse “emprego” com o objetivo de garantir seu futuro. Seu “preparo-despreparo” para as funções de tortura é um dado importante que deve ser destacado. Não é o torturador típico que a psicologia e a literatura procuram construir. Por isso desertou? Ou serão assim muitos daqueles que trabalham no mais baixo escalão da repressão? Gente que apenas obedece porque não tem alternativa, como os personagens da peça “O Interrogatório de Weiss”. Na descrição de Rivas, os túneis da repressão aparecem como caminhos sem volta. Negar-se à tortura podia levar o “funcionário” ao cárcere. . .

O fato de ser Rivas um fotógrafo é também bastante significativo. Atividade de importância crucial para os serviços de informação, criava-lhe condições especiais de participação em quase todos os episódios da repressão. Por isso, ao fugir, é uma fonte inesgotável de informações. Sua percepção “física” dos fatos, agudizada pela necessidade de bem enquadrar sua câmara fotográfica, contribuiu para registrar em sua memória os terríveis detalhes que implacavelmente denuncia.

Mais duas reflexões nos ficam “semeadas” por essa leitura. Que validade têm, para qualquer tipo de preso, confissões arrancadas sob tortura? Segundo um criminalista uruguaio, citado por Victor, “os cárceres uruguaios estão cheios de presos condenados por delitos que não cometeram”. Um processo irracional que só

pode ter resultados irracionais, já que estamos num momento histórico em que, todas as formas de colonialismo parecem desembocar num processo incontrolável de tortura, conforme alerta Fannon.

E a irracionalidade maior, no fato de se denominar inteligência, ao conjunto de tarefas relacionadas com esse tipo de atividade. Não deixa de ser paradoxal que

“inteligência” faculdade através da qual o homem se afirma diferente dos outros animais, sirva de rótulo para o aperfeiçoamento de métodos através dos quais se brutalizam outros seres humanos.

Recebido para publicação em
05/06/1981.